

## Agricultura Familiar: alimentação saudável e geração de renda no agreste paraibano



A agricultora Maria das Neves Araújo de Melo, mais conhecida como Dona Nevinha, tem 75 anos de idade, e nasceu na comunidade Oliveiro em Itatuba/PB. Após seu casamento foi morar no sítio Riachão do Araújo, no mesmo município. Seu esposo Antônio Alexandre de Melo, com quem teve três filhos, foi assassinado em 1973, por engano, com apenas 33 anos de idade. O casal tinha pouco tempo de casados. Dona Nevinha se viu sozinha no mundo com três crianças para criar: uma de 4 anos, uma de 3 e estando grávida de apenas 2 meses do próximo filho.

Passando por diversas dificuldades Dona Nevinha ainda descobriu que teria algumas dívidas para pagar no banco em nome de

Antônio, seu esposo. Na tentativa de ajudar, algumas pessoas a incentivaram a vender a casa e ir morar na capital João Pessoa/PB, pensando ser o melhor para a criação dos seus filhos, como também em oportunidades de emprego para ela.

Dona Nevinha tem convicção que tomou a melhor decisão para a vida da sua família naquele momento, escolhendo o trabalho no campo. “Criei meus filhos sozinha, botei as coisas pra frente, trabalhei, terminei de pagar as dívidas dele no Banco do Nordeste, daí os meninos foram crescendo, estudando e eu trabalhando e até que começaram a me ajudar”, relembra.

Dona Nevinha foi criada em fazenda, ajudando seus pais que eram agricultores. Seu pai fazia queijo dentre outras coisas, e foi daí que tirou toda experiência e aprendizado para lidar com a terra. As barreiras que apareciam ao longo da vida nunca foram poucas, como quando casou e compraram a terra que até hoje vive. “A terra era nua sem nada, começamos a fazer tudo aos poucos, fizemos até um cacimbão, a gente queria fazer um poço, mas foi muita burocracia no banco. E eu vou fazer ainda, sem falar em banco, vou juntar um dinheiro e vou fazer”, e assim força e determinação nunca faltaram para superar os obstáculos em sua vida.

A propriedade da família tem área de 31 hectares e uma parte da terra eles doam para o povo fazer roçado.





Seu filho Adriano (47), é casado, mora na zona urbana, mas passa o dia cuidando do sítio. Júnior (42) trabalha fora, mas também ajuda sempre no que pode, e a filha Anacilde (45), já morou um tempo em outro estado, mas resolveu voltar para ajudar a mãe nessa luta.

Utilizando técnicas totalmente agroecológicas, a família de Dona Nevinha tem uma produção rica entre fruteiras, verduras e legumes, como: milho, feijão, jerimum, maracujá, manga, goiaba, banana, acerola, graviola, alface, coentro, tomate, pimentão, entre outros, além de plantas medicinais.

A partir da criação de animais como porco, galinha, vaca, boi, cavalo e jumento, a família pode organizar uma estrutura para produzir palma, capim e silo na propriedade. Contam com uma

forageira e um motor, onde o capim é moído e a ração para os animais fica pronta, assim como a silagem para os cavalos.

Para facilitar o acesso à água, a família sempre buscou alternativas para não parar a produção nos períodos de seca. Para armazenar água tem um cacimbão e um açude, que secaram durante um período prolongado sem chuvas. Para aguardar as plantações e alimentar os animais eles usam somente a água do barreiro. Com muito esforço conseguiram construir uma cisterna para armazenamento de água de beber. Sonhando em conquistar uma cisterna de 52 mil litros para melhorar sua produção, Dona Nevinha conquistou, em 2016, a cisterna-enxurrada e com ela muitas possibilidades de melhoramento



da produção. Dona Nevinha afirma: “Tenho mais de 30 pés de graviola, que tô cuidando para eles não morrer, a água salgada não é muito boa pras plantas não. Eu tenho uma mistura aqui, aí o povo diz que meu sítio tem de tudo, só que eu acho pouco e agora com o cisternão vou melhorar tudo, minha horta ainda mais.”



“Essa cisterna vai fazer muita diferença por aqui, era meu sonho uma cisterna dessa, quando eu vejo os outros assim com essas cisternas e aqueles plantios nuns quadradinhos que planta dentro, meu sonho era um negócio daquele... eu quero produzir mais e mais e mais, até um dia que Deus me levar.”

Dona Nevinha cuida muito bem das suas plantações e investe tempo e dedicação na produção de maracujá e graviola. “Eu faço polpa, tiro os caroços na mão mesmo, porque não tenho a máquina, faço uns saquinhos de 100 gramas e meu filho leva para João Pessoa, e vende a dez reais o quilo. Do maracujá também vende a sete reais o quilo, sempre teve uma produção boa, que graças a Deus ganhei um bocado de dinheiro”, comemora.

Além de garantir uma alimentação saudável para a família através da produção e complementar a renda, também consegue através da criação animal. O leite que é vendido na cidade, assim como também o queijo produzido por dona Nevinha para consumo próprio e para venda. Dona Nevinha e sua família tem uma felicidade sem tamanho por poder trabalhar na terra: “Eu tenho o meu roçado, eu que cuido todos os dias. Ave Maria, me tire do meu roçado que eu morro, o povo diz minha casa minha vida, eu digo meu sítio é minha vida, eu adoro plantar”, demonstrando como valoriza a terra e o trabalho no campo. A melhor forma de se viver no Semiárido é o trabalho com a agricultura familiar.



Realização

Apoio